

AVÁ-CANOEIROS: A IDENTIDADE INDÍGENA NA EXPRESSÃO DA CULTURA CORPORAL

Vitória Roberta Santos

Universidade Estadual de Goiás (UnU Porangatu)

Paula Viviane Chies

Universidade Estadual de Goiás (UnU Porangatu)

INTRODUÇÃO

Através de leituras e estudos sobre os povos indígenas, é fundamental analisar o quanto as práticas corporais interferem na sobrevivência, no cotidiano, prevalecendo até mesmo rituais, que são passados de geração em geração. As abordagens relacionadas aos povos indígenas, especificamente, os denominados Avá-Canoeiros, situados na região do Norte de Goiás, têm uma linhagem cultural nas margens dos rios, Tocantins e do Goiás que interferem nessas práticas, sendo habilidades em navegações, utilização de canoas para se deslocarem, assim, a pesca e os nados são pontos importantes a serem discutidos no contexto de suas práticas corporais (Silva, 2021).

A Cultura Corporal pode ser compreendida como manifestações da cultura, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas, que representam a sistematização de relações do ser humano com o mundo pela dimensão corporificada (Andrade et al., 2020). A categoria “Cultura Corporal” trabalha com a premissa de que todo indivíduo é um ser histórico e culturalmente constituído, nesse âmbito, para a análise da cultura corporal dos Avá-Canoeiros proposta no presente estudo, demanda-se trilhar alguns percalços da história desse povo, suas lutas pela preservação de seu território, cultura e identidade, sobretudo, buscando compreender como essas interdições trouxeram diferentes formas de contato e relações com a natureza e seus impactos na cultura corporal.

Avá-Canoeiros, o termo “awã”, como em outras línguas tupi-guarani, significa gente, pessoa, ser humano. O cognome “canoeiro” deve-se à habilidade para navegar, a pesca, a caça e a coleta. O povo indígena Avá-Canoeiro, como a maioria dos povos indígenas do Brasil, tem

sua história marcada por extermínios e quase extinção da etnia. Ao resistirem à aproximação das frentes de expansão que avançavam sobre seu território, passaram a ser localizada nas bacias dos rios Tocantins e Araguaia (Silva, 2021).

A história dos Avá-Canoeiros é marcada por massacres, deslocamentos e transformações do ambiente indígena que geraram um impacto avassalador sobre seus modos de vida a partir da destruição das possibilidades de sua existência em uma sociedade. Os Avá-Canoeiros foram privados do convívio com os demais membros de sua sociedade, sendo posteriormente inseridos em um regime de proteção e assistência burocratizada (Silva, 2009).

É interessante considerar também o contato possível dos Avá-Canoeiro com outros povos na subida para o alto Tocantins-Araguaia, como estratégias de sobrevivência nas regiões mais densas do Cerrado. O contato com afrodescendentes quilombolas pode ser um exemplo, já que existem traços de cultura material presentes em ambas as famílias Avá-Canoeiro, como o cachimbo e o movocapi, instrumento de corda utilizado por Iawi para tocar músicas (Silva, 2016).

Portanto, o objetivo do estudo foi analisar a caracterização das práticas corporais dos povos indígenas brasileiros Avá-Canoeiros.

METODOLOGIA

Foi desenvolvida uma Pesquisa Bibliográfica (Andrade, 2010) sobre o contexto dos Avá-Canoeiros em uma análise das práticas corporais associadas à referida etnia. Como base para o levantamento bibliográfico foram utilizados os seguintes descritores: “Índigenas”, “Cultura corporais”, “Práticas corporais”, “Avá-Canoeiros”, “Rio Tocantins”, na base de dados do Google acadêmico e The Lens. As obras (livros e artigos) foram selecionadas para análise com a leitura prévia dos seus resumos ou sínteses.

RESULTADOS

Quanto às práticas corporais relacionadas a etnias, como os nados, pescas, lutas, jogos, danças e rituais indígenas que são traços da cultura brasileira, é de suma importância que as escolas se aprofundem nas abordagens sobre os indígenas associados a tais práticas, principalmente, com relação aos Avá-Canoeiros que apresentam uma história marcada por massacres e usurpação de direitos, exemplificando a condição histórico-social vivenciada pelos

povos indígenas brasileiros.

Os espaços de caça, pesca e coleta retratam os contextos de atualização da prática referente a estes processos, desde a confecção dos instrumentos utilizados para cada um até sua aplicação. Ao caçar, pescar, coletar ou desenvolver qualquer atividade relacionada aos costumes dos Avá-Canoeiros há muitas possibilidades de aprendizagens e de conhecer técnicas específicas do povo sobre essas práticas. Como os rituais e danças, os próprios integrantes da tribo constroem seus instrumentos, sendo eles: o maracá, wewe, flauta, movokap, tapiti são instrumentos musicais bastante utilizados.

Muitas práticas lúdicas que foram inseridas na cultura comum, cotidiana, das brincadeiras e jogos no Brasil apresentam a sua raiz na cultura indígena, observasse isso no Arco e Flecha, Tobdaé, Adugo ou Jogo da Onça, Arranca Mandioca, Peteca, Cabo de Guerra e corrida do Saci. Dentre essas práticas, há algumas aparentemente desconhecidas como o Tobdaé, no entanto, este jogo de origem das tribos indígenas, como entre os Xavantes, do Mato Grosso, é similar à tradicional brincadeira de “queimada”, mas essa, em sua origem indígena, se joga em duplas, e, ao invés de uma bola, usam-se petecas.

As práticas corporais indígenas são derivadas do cotidiano da cultura indígena: Arco e flecha, Futebol, Arremesso de lança, luta corporal, natação, canoagem, atletismo, corrida com tora, Xikunahity (futebol de cabeça), Zarabatana, Rônkrâ e cabo de guerra. Como exemplo, no caso do Arco e Flecha, os povos indígenas usavam muito esse instrumento como arma de guerra, ou mesmo, para a caça, pesca e rituais.

Na maioria das tribos indígenas brasileiras, o arco é feito do caule de uma palmeira chamada tucum, de cor escura, muito encontrada próxima aos rios, tanto que o povo Gavião, do Pará, o confecciona com a madeira de cor vermelha, chamada aruerinha. Os povos do Xingu utilizam o pau-ferro, o aratazeiro, o pau d'arco e o ipê amarelo. Os índios do alto Amazonas usam muito a pupunha, e as tribos da língua tupi são as únicas que, às vezes, utilizam a madeira das palmeiras. O padrão do tamanho do arco obedece à necessidade de seu uso, de acordo com a cultura de cada povo.

A flecha é feita de uma espécie de bambu, chamada taquaral ou caninha. A ponta é feita de acordo com a tecnologia de cada etnia. Há aquelas flechas mais longas e as pontas tipo serra, muito usadas para a pesca. Outras pontas são feitas com a própria madeira da flecha. Alguns povos colocam ossos e mesmo dentes de animais. Há outras flechas praticamente sem ponta,

mas com uma espécie de esfera (coquinhos), usada na caça aos pássaros. O objetivo é abater a ave e evitar ferimentos na pele ou danos às plumas e penas. Há também um outro armamento semelhante ao arco, em que se arremessa pedra, chamada bodoque (Secretaria [...], 2020).

A cultura indígena apresenta uma diversidade de práticas, trazendo à tona diferentes versões dos elementos da cultura corporal definidas por cada etnia. As lutas corporais praticadas pelo povo Xavante e o huka huka praticado por alguns povos indígenas xinguanos, utilizado como bola, praticado pelos Kayapó, e o jikunahati (jogo realizado com bola feita da seiva da mangabeira e jogado apenas com a cabeça), tradicionalmente praticado por alguns povos que habitam a região do Mato Grosso, como os Pareci, Irantxe e Enawenê Nawê, entre outros.

Além das lutas corporais e jogos com bola tradicionalmente praticados, foram reconhecidos como práticas “esportivas”¹⁶ indígenas, as modalidades de arco e flecha, natação, canoagem, pesca, cabo de força, jogos com peteca (peikrân), corridas como a de tora de buriti tradicionalmente praticada pelos povos akuen (Xavante e Xerente), entre outros povos do tronco linguístico macro-jê (Parente; Leite, 2018).

Na BNCC, o componente curricular Educação Física tematiza as práticas corporais dividindo-as em seis unidades temáticas (Brincadeiras e Jogos, Esportes, Ginásticas, Danças, Lutas e Práticas Corporais de Aventura), destacando que estas devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado. Contribuindo para que os estudantes tenham acesso ao amplo universo cultural das práticas corporais presentes nas aulas de Educação Física na escola, os conteúdos devem ir além da experiência efetiva das práticas corporais oportunizando aos alunos participar, de forma autônoma, em contextos de lazer e saúde (Brito, 2023).

Na Educação Física é importante mencionar discussões sobre a temática educação intercultural, demonstrando a importância da inclusão dessas práticas no âmbito escolar, compreendendo que a escola deve ser um espaço de diálogo, no qual se efetivam possibilidades de acesso ao conhecimento. Além de mencionar sobre a riqueza dos traços indígenas situados na região do Norte de Goiás, compreendendo que existem diferenças culturais dentro da escola, estabelecendo diálogos respeitosos e inclusivos, para que as possibilidades não se encerra a partir de uma única visão, promovendo uma interação cultural equânime e que haja a troca de conhecimento, respeito mútuo e valorização (Oliveira; Daolio, 2011).

¹⁶ Coloca-se aspas à conotação de esportivas, pois a origem e desenvolvimento do Esporte ocorreu no contexto ocidental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além do Povo Avá-Canoeiros, existe na região norte de Goiás outras etnias: Javaé, Karajá e Tapirapé, portanto, vale ressaltar a demanda de estudos também sobre demais povos indígenas, pois em algumas discussões abordaria-se, inclusive, sobre o convívio com pessoas de etnias diferentes. É impensável o aprofundamento em nossa cultura brasileira, na importância dos nossos ancestrais, nas práticas corporais indígenas, sobretudo, reconhecendo que essa cultura deveria prevalecer no cotidiano.

Os povos indígenas convivem com a natureza, tendo-a como parte de suas existências e não como “algo” que possa ou deva ser controlado para se obter mais do que a subsistência exige, nisso observa-se como as práticas corporais indígenas exaltam a caracterização do cotidiano. O corpo age diretamente na natureza, ocupa o seu espaço de destaque na conquista do alimento, na superação dos obstáculos para o deslocamento, para a segurança, portanto, a cultura corporal do povo avá-canoeiro não pode ser retratada sem se conhecer, primeiramente, quais caminhos foram sendo trilhados na sua história.

É suma importância a demanda de estudos que perscrutam as nuances da história do povo avá-canoeiro, identificando, reconhecendo, catalogando e registrando a sua cultura corporal, assim, chegando a um retrato mais fidedigno da singularidade de seus traços culturais

Portanto, fortalecer a cultura que, em muitos povos, têm como marca um alto grau de vulnerabilidade física e cultural, proteger a terra e os interesses indígenas, viver em distintos tempos e espaços entre a vida indígena e não indígena, entre outros, são desafios emergentes na atualidade, sobretudo no caso dos Avá-Canoeiros do rio Tocantins frente às fragilidades e dificuldades apresentadas. É preciso que os indígenas no Brasil sejam agentes de sua própria história, que tenham gestão de seus territórios para o exercício de sua autonomia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. C.; ANDRADE, J. S. D.; LIMA, W. P.; XIMENES, P. A. S. Cultura corporal: o “movimento” dialético entre homem e natureza. **Praxia - Revista On-line de Educação Física da UEG**, v. 2, p. e2020007-e2020007, 2020.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo: Atlas, 2010.

BRAGGIO, S. L. B. O papel da pesquisa sociolinguística em projetos de educação, vitalização

de língua e cultura: relatos sociolinguísticos iniciais dos Avá-Canoeiros de Minaçu. **LIAMES: Línguas Indígenas Americanas**, v. 3, n. 1, p. 113-133, 2003.

BRITO, L. B. de. **A presença da cultura corporal indígena no documento curricular do Tocantins na área de linguagens**: Educação Física. 2023.

OLIVEIRA, R. C.; DAOLIO, J. Educação intercultural e educação física escolar: possibilidades de encontro. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 2, 2011.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ. **Jogos dos povos indígenas**. Disponível em: <http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=218>. Acesso em: 31 mar. 2020.

SILVA, L. G. da. **Singrar rios, morar em cavernas e furar jatoká**: ressignificações culturais, socioespaciais e espaços de aprendizagens da família Avá-Canoeiro do Rio Tocantins. 2016. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Goiás-UFG.

SILVA, L. G.; NAZARENO, E. Povos Avá-Canoeiros: educação escolar indígena e interculturalidade crítica. **Espaço Ameríndio**, v. 15, n. 1, p. 78, 2021.

SILVA, L. G.; DE SOUZA SILVA, I.; DE SOUZA, J. C. Apropriação do cerrado e pressão nos recursos naturais da terra indígena Avá-Canoeiro e entorno (Goiás). **Revista do Departamento de Geografia**, v. 42, p. e187128-e187128, 2022.